



Este segundo volume dos Cadernos de Cultura e Educação para o Patrimônio tem como temática um processo continuado e aberto de formação de professores pesquisadores, ou o que temos denominado "Etnoeducação". Foi pensado e realizado através de múltiplas vozes e mãos, priorizando, no ambiente escolar, o interesse por práticas, narrativas e saberes que muitas vezes não atravessam os seus muros. Expressa de maneira singular experiências vivenciadas por alunos e professores de seis escolas da rede pública municipal de educação de Oriximiná/PA. Apresentamos aqui uma pequena mostra de um processo de construção coletiva de grupos sujeitos e protagonistas de sua história.

CADERNOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO VOLUME 2



CADERNOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO

VOLUME 2

Adriana Russi

Johnny Alvarez

Sonia Maciel (orgs.)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Dilma Rouseff

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Alosio Mercadante

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

Pró-reitor de Extensão: Wainer da Silveira e Silva

Coordenadora de Integração Acadêmica: Liliane
Belz dos Reis

Diretores da Unidade Avançada José Veríssimo:
Elmira Guerreiro e Carlos Augusto Bêta

Diretor do Pólo Universitário de Rio das Ostras:
Carlos Bazilio Martins

Diretor do Instituto de Humanidades e Saúde:
Ramiro Marcos Dulcich Piccolo

Chefe do Departamento de Artes e Estudos
Culturais: André Henrique Guerra Cotta

Catálogo na fonte. UFF / NDC / Biblioteca de Rio das Ostras - PURO

306.98115
C122 Cadernos de cultura e educação para o patrimônio
Russi, Adriana; Alvarez, Johnny; Maciel, Sonia (orgs.)

Niterói, RJ : s. N., 2012.

v.2 (il., algumas color.)

ISBN: 978-85-98853-20-8

1. Patrimônio cultural. 2. Oriximiná (PA). 3. Etnoeducação.
I. Russi, Adriana (org.). II. Alvarez, Johnny (org.). III. Maciel, Sonia (org.)

Equipe:

Adolfo de Oliveira, Adriana Russi, Aline Moschen,
Arlanza Martins, Daniela Diana, Fernando Guerra,
Fernando Capute, Gilmar Rocha, Johnny Alvarez,
Marcelo Fernandes, Maria Vittoria Pardal, Pedro
Antonellini, Rejane Moreira, Renata Cabral, Richard
Lorenz, Sávio Gomes, Sonia Maciel, Terezinha
Sampaio, Thomaz Garcia, Vanessa Coutinho,
Wallace de Deus

Revisão: Rejane Moreira

Diagramação: Pedro Antonellini

Colaboração: Thaís Truyts

Impressão: Gráfica HRosa

Programa de Extensão “Educação
Patrimonial em Oriximiná”

www.patrimoniocultural.uff.br

proeduc.orixi.uff@gmail.com



REALIZAÇÃO



PARCERIAS



FINANCIAMENTO PROEXT MEC/SESu

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ORIXIMINÁ	7
UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO – Tutores dos projetos pilotos	9
CAPÍTULO 1 – E.M.E.F.NOVA BETEL	11
CAPÍTULO 2 – E.M.E.F.MACEDÔNIA	13
CAPÍTULO3–E.M.E.F.SANTA MARIAGORETTI	17
CADERNO DE IMAGENS	
CAPÍTULO 1 – E.M.E.F.NOVA BETEL.....	19
CAPÍTULO 2 – E.M.E.F.MACEDÔNIA.....	21
CAPÍTULO3–E.M.E.F.SANTAMARIAGORETTI.....	23
CAPÍTULO 4 – E.M.E.F.SÃO FRANCISCO.....	25
CAPÍTULO 5 – E.M.E.F.I. SANTIDADE	29
CAPÍTULO 6 – E.M.E.F.I. MAPUERA	31
CAPÍTULO 4 – E.M.E.F.SÃO FRANCISCO	33
CAPÍTULO 5 – E.M.E.F.I. SANTIDADE	37
CAPÍTULO 6 – E.M.E.F.I. MAPUERA	41
PRA CONTINUAR	45
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	48

Percorso institucional

A universidade pública brasileira se sustenta na articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Em 1972 a UFF constituiu, fora de sua sede em Niterói (RJ), a UAJV que funciona, desde 1973, no município de Oriximiná, oeste do estado do Pará, em plena região amazônica. Desde sua implementação, a UAJV abriga inúmeros projetos de pesquisa e extensão realizados nas mais diversas áreas do conhecimento por professores, pesquisadores e alunos da UFF e de outras instituições.

Em 2008, o Programa de Extensão Educação Patrimonial em Oriximiná, vinculado ao Curso de Produção Cultural do PURO, foi concebido para desenvolver ações na área da preservação do patrimônio cultural brasileiro. Voltamo-nos, sobretudo, a projetos de formação continuada de educadores da rede pública municipal. Desde então, temos nos aproximado cada vez mais das múltiplas e distintas culturas que compõem a realidade sociocultural oriximinaense. Colocamo-nos como aprendizes/pesquisadores, inspirados nas experiências etnográficas das comunidades ribeirinhas, quilombolas, diferentes povos indígenas, moradores da zona rural de terra firme ou de moradores da zona urbana. A partir de oficinas sobre a temática “patrimônio cultural”, bem como de um inventário sobre o artesanato tradicional, conhecemos um pouco mais Oriximiná, seus lugares e as suas “gentes”.

Nosso programa de extensão, desde o início, é multidisciplinar, quer seja na constituição de nossa equipe, quer seja na forma como concebemos o processo ensino/aprendizagem. Pela equipe do programa já passaram dezenas de graduandos de distintos cursos e atuam inúmeros docentes das Artes, Psicologia, Antropologia, Comunicação, História e Educação.

A articulação e parcerias que temos com outras instituições tem sido imprescindíveis para o desenvolvimento e a construção coletiva deste programa. Assim, contamos com a participação de outras universidades como a UFRRJ/RJ e UESC/BA bem como de órgãos públicos municipais como a Prefeitura Municipal de Oriximiná, a Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná, a Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Lazer de Oriximiná e instituições não governamentais como a APIM, ARQMO e a AMOCREQ.

Em 1988, a Assembleia Constituinte aprovou a nova Constituição brasileira. Nesta, um novo projeto de sociedade brasileira se delineia. Pela primeira vez na história da república, reconhece-se a diversidade social brasileira e a contribuição desta à formação da nacionalidade brasileira. Entre vários mecanismos de salvaguarda e proteção desta diversidade social e cultural, está a inclusão da história e cultura destes grupos formadores da nacionalidade nos currículos escolares locais.

Apesar de ter sido aprovada quase um quarto de século atrás, pouco se fez para concretizar os direitos destes grupos sociais formadores da nacionalidade. Em especial, pouco ou quase nada se fez para incluir sua história e cultura nos currículos escolares. Num país tão grande e diverso quanto o Brasil, em que municípios como Oriximiná rivalizam em tamanho e em diversidade étnico-sócio-cultural com países vizinhos, as dimensões deste risco de perda de patrimônio cultural adquirem proporções catastróficas. Este é o móvel principal deste programa: buscar valorizar este patrimônio para as gerações futuras de seus detentores de direito: a população de Oriximiná.

Desde 2011, nosso programa recebe financiamento de recursos federais do edital PROEXT-MEC/ SESu fundamental para a realização de várias atividades e produtos. Em 2012 nossa ação contou também com a importante participação de tutores/mediadores, profissionais da SEMED e da Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Lazer que atuaram como agentes locais no acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos em projetos pilotos.



Imersões locais

Os trabalhos aqui apresentados fazem parte de um processo continuado e aberto de formação de professores pesquisadores, ou o que temos denominado de “Etnoeducação”. A atuação dos professores, com os olhos para além dos muros das escolas, é uma marca do trabalho extensionista. Essa extensão, que abrange uma zona de pesquisa e atuação, fundamenta o nosso programa. Desse modo, nossa experiência de formação de professores suscita, no ambiente escolar, o interesse por práticas, narrativas e saberes que muitas vezes não atravessam os seus muros. Em nossos encontros cultivamos a curiosidade de se aproximar ativamente dos saberes-locais. Não para transformá-los em manuais ou “peças de museu”, mas para valorizá-los, cultivando um “olhar sensível” para essas práticas. Esta atenção interessada e interessante aguça e motiva alunos, professores e comunidade nos trabalhos de ensino-aprendizado. Acreditamos que é no local que encontramos as expressões mais universais, pois estão encarnadas e são vivenciadas.

Com este espírito, iniciamos seis projetos pilotos em seis escolas distintas do município de Oriximiná-PA. Duas escolas indígenas, uma quilombola, uma ribeirinha, uma urbana e uma no planalto. Desde o começo professores, alunos e outros membros das comunidades foram convidados a preparar e executar as atividades que estão apresentadas neste livro. Nenhuma destas atividades nasceu de proposição vertical e unilateral, mas de encontros transversais em que o grupo, em sua heterogeneidade, ia descobrindo os caminhos e buscando os meios de sua realização. Temos como princípio a ideia de que o método não pode aprisionar o interesse e a construção do processo de pesquisa e atuação. Não há caminhos prévios, como sugere o significado da palavra *méta- hódos*, mas sim um *hódos-méta* em que os meios e os caminhos são inventados e descobertos no caminhar. Cada capítulo deste livro se construiu assim, desde a escolha dos temas, dos informantes e dos procedimentos, até os modos de expressão (áudio-vídeo, desenhos, imagens, fotos, textos, poesia...) destes trabalhos. Nesta atitude de pesquisa o que move e define os caminhos são sempre os encontros. Acompanhando os processos dos encontros o grupo vai decidindo o que e como fazer. Muitas vezes o que encontramos não era o que buscávamos, mas nossa atenção ao encontro, e não à meta do encontro, nos permitia achar o inesperado, que se configurava, paradoxalmente, no que queríamos.

Este trabalho apresentado aqui é apenas uma mostra do processo de construção coletiva de grupos sujeitos e protagonistas de sua história. Convidamos o leitor a apreciar estas histórias como um filme que acaba sem terminar, como uma conversa que termina sem acabar, reverberando não apenas o seu conteúdo, mas intensificando nossa vontade de continuar conversando.

Adriana Russi e Johnny Alvarez
Coordenadores do Programa de Extensão da UFF
Educação Patrimonial em Oriximiná



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ORIXIMINÁ

Um dos objetivos do plano de ação da Secretaria Municipal de Educação de Oriximiná-PA é desenvolver e operacionalizar políticas que assegurem os direitos culturais do cidadão, criando instrumentos e mecanismos que possibilitem o apoio e o acesso aos bens culturais e a distribuição destes, bem como a proteção, a preservação e a difusão do patrimônio cultural.

O PURO/UFF desenvolve, desde 2008, o programa de extensão na área de preservação do patrimônio cultural brasileiro neste município. O foco principal é a difusão do conhecimento mobilizado e a formação de agentes multiplicadores por meio de cursos de formação aos educadores da rede municipal de ensino de Oriximiná. Trata-se de um conjunto de ações de caráter cultural, social e educativo centrado no registro dos bens culturais em comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

Nesta perspectiva, considerando que na cultura também está expressa a vida e a identidade de nosso povo, a Prefeitura Municipal de Oriximiná, por intermédio da SEMED, acolheu com muita satisfação a proposta do Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná pela UFF destinado à educação municipal. Esta atividade em Oriximiná tem sido conduzida com muito esmero e dedicação pela equipe do Programa.

Isso nos deixa convencidos de que na educação a efetivação de um trabalho em equipe não é um objeto que se olha, mas uma atividade que se faz. E, em se fazendo, os saberes são mobilizados e construídos coletivamente. A diferença deste projeto que estuda e desenvolve o patrimônio cultural local está no fato de que, antes de desenvolvê-lo, houve interação junto aos professores da rede municipal de ensino e pesquisas junto às comunidades da Educação do Campo, das Águas e das Florestas. A partir daí, apoiados nas teorias subsidiárias, foi possível compor um repertório de conhecimentos para a formação de professores nessa perspectiva.

Acreditamos que o sucesso desta parceria entre PMO/SEMED/UFF está no fato de que juntos acreditamos que só é possível construir conhecimentos significativos se formos diretamente aos lugares onde os profissionais do ensino trabalham, para ver como eles pensam e falam, como trabalham na sala de aula, como transformam e ressignificam programas escolares para torná-los efetivos, como interagem com os pais dos alunos e com a comunidade.

Com esta obra, de valor inestimável para nossa gente, consolidamos nossas parcerias e nossas ações em prol de uma educação mais inclusiva e que respeite os diferentes saberes. O leitor terá subsídios para pensar em novas ações educativas que contemplem nosso patrimônio cultural local, haja vista que nela se materializa o produto desta experiência com os saberes locais, a partir de etnografias e do protagonismo dos professores, alunos e membros da comunidade.

Profa. Hilda Maria Viana da Silva
Secretária Municipal de Educação de Oriximiná-PA



UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

Tutores dos projetos pilotos

A educação escolar, ao longo dos anos, vem passando por muitas transformações e a preocupação em redirecionar as práticas educativas tem sido alvo dos profissionais em educação. As novas abordagens metodológicas desafiam o professor e o lança numa série de novas problematizações. Cabe ao professor acompanhar novas descobertas que tornem o trabalho de educar mais prazeroso, tanto para o aluno como para ele próprio. Motivar a permanência do educando na escola e/ou na sala de aula, nos dias de hoje, inclui a concepção de uma aula inovadora, que desperte os alunos a se interessarem e participarem efetivamente das atividades. Baseados nisto, nós tutores/mediadores, acompanhamos e participamos dos projetos pilotos desenvolvidos em 5 escolas municipais da Educação do Campo, das Águas e das Florestas e em 1 escola da zona urbana. Os projetos surgiram a partir do curso “Etnoeducação e Patrimônio”. Com isso, pudemos observar a grande diferença com relação à execução das atividades propostas e desenvolvidas por alunos, professores, diretores e membros das comunidades. O prazer, o interesse, a participação, o desempenho e a motivação foram fantásticos! Superaram nossas expectativas e, parte disso, pode ser observado nos relatos e trabalhos apresentados neste livro. Houve efetivo envolvimento no processo.

Os projetos foram desenvolvidos nas comunidades de Nova Betel (escola rural do planalto), Araçá (escola quilombola localizada no rio Erepecuru), Santidade (escola indígena Kaxuyana no rio Cachorro), Mapuera (escola indígena Wai-wai no rio Mapuera), Macedônia (escola ribeirinha no Lago do Sapucuí) e na escola Santa Maria Goretti (zona urbana). Foi uma experiência inovadora, multidisciplinar e prazerosa. Os projetos abordaram vários temas escolhidos de forma democrática entre professores e alunos. Os temas foram discutidos, observados, dando prioridade ao conhecimento informal, onde a realidade local e ao mesmo tempo a troca de experiências de saberes locais, até então desconhecidos ou despercebidos dentro da sala de aula, tornaram-se motivo de orgulho e de identidade. Observamos os alunos fazendo descobertas, valorizando sua cultura, aquilo que de fato lhe pertence. Os saberes locais foram estudados nas mais diversas atividades dentro do espaço escolar, de maneira formal e também lúdica.

Este trabalho não ficou apenas entre alunos e professores, contou também com a participação de membros da comunidade, barqueiros, motoristas de carros, principalmente no momento em que a escola abriu espaço para estes. O mais interessante foi a receptividade com que os informantes receberam os alunos, fato observado por nós tutores, quando víamos seus olhos brilharem quando tornavam-se protagonistas do processo.

Temos certeza que a partir destas novas experiências, nossos professores, alunos e comunidades não serão os mesmos. Fica como nosso aprendizado a forma de como envolver temas da própria realidade dos alunos e usar elementos culturais como ponto de partida para o trabalho dos componentes curriculares, numa prática educativa motivadora e prazerosa de ensinar/aprender.

Tutores/Escolas:

Eunice Pereira de Jesus/ E.M.E.F. Nova Betel e E. M.E.F. Santa Maria Goretti

João Felipe Lobato da Cruz/ E.M.E.F. São Francisco (Araçá) e E.M.E.F. Macedônia

Maria Laise Picanço Siqueira/ E.M.E.F. I Mapuera e Santidade

Ormezinda dos Santos Souza/ E.M.E.F. São Francisco (Araçá)

Silvia Printes da Silva/ E.M.E.F. Nova Betel e E.M.E.F. Santa Maria Goretti



CAPÍTULO 1 - E. M.E. F. NOVA BETEL

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Betel (*IMAGEM 04*) localiza-se na BR163, estrada do BEC, Km 12, no município de Oriximiná/Pará. A escola foi fundada no ano de 1982, pelo então Pastor Antônio Ahus Pereira, sendo registrada com o nome de Nova Betel, que significa casa de Deus, seguindo o mesmo nome da comunidade. Ela possui um total de 465 alunos e 34 funcionários entre professores, técnicos e gestor.

A comunidade onde a escola está localizada possui serviços de sistema de abastecimento de água e o programa "Luz Para Todos" do Governo Federal. A principal atividade econômica do local é a agricultura de subsistência, sendo cultivados produtos como milho, mandioca, arroz e banana. Quanto à religião, há predominância da evangélica, sendo a católica praticada apenas por um número menor de fiéis. A população desta comunidade é formada por imigrantes de outros estados, principalmente pelos nordestinos.

De início tem-se a impressão de realmente não existir uma identidade própria do planalto. Nos trabalhos realizados, as lendas apresentadas foram gerais, como a do curupira, mula sem cabeça e saci. Os desenhos mostram os pais trabalhando com roçado, e as colagens com folhas de ervas medicinais são, em sua maioria, o boldo, a erva cidreira e a andiroba. Essas ervas e sementes também são de uso comum e cotidiano da maior parte da comunidade de Oriximiná.

Foi percebido também que a comunidade tem dificuldade de acesso à escola, as distâncias são todas percorridas de "pau de arara" e ônibus da escola. Há relatos de alunos que levam até 2h para irem de suas casas até à escola. A história do planalto do BEC se inicia com a abertura da Estrada do BEC pelo Exército. A partir daí, militares fixam residência na localidade,

e logo após recebem famílias de Óbidos, município vizinho de Oriximiná. Hoje, há um fator migratório elevado. A maioria dos imigrantes é nordestina, à procura de terra para criar gado e fazer seu roçado.

Estes nordestinos trazem consigo seus hábitos e características. O traço físico daquela localidade já não é fortemente marcado pela mistura mameluca ou cafuza. Há outros traços, remetendo muito mais ao nordeste do que aos índios ou negros.

Os hábitos trazidos podem ser exemplificados de inúmeras maneiras, mas existem práticas comunitárias que se diferenciam das demais, como o carro de boi (*IMAGEM 05*). Essa prática do carro de boi, usado como meio de transporte, para o trabalho e outros fins, não existe em nenhuma outra localidade de Oriximiná. Talvez pela geografia do território do planalto ser, em sua maioria, de terra e não de água, como nas ribeirinhas, indígenas e quilombolas.

Tendo em vista as inúmeras culturas que o planalto do BEC possui, e que elas estão em constante miscigenação, tornou-se necessário a procura por uma identidade cultural local, a qual os viventes daquela localidade pudessem chamar de sua.

Com esta intenção, os professores Eliane Cristina Araújo da Silva, Elem Fernanda dos Santos Vasconcelos e Ezaldo dos Reis, executaram o projeto denominado "Diversidade Cultural na Escola Nova Betel" com o subtema "Paisagem natural e cultural", tendo sempre o pensamento e objetivo de resgatar a cultura local daquela comunidade. É importante ressaltar que todas as atividades tinham por finalidade a criação de efeito de mundo nos

estudantes, isto é, pertencimento àquela localidade. Com este fim, foram pensadas inúmeras atividades, todas elas relacionadas ao planalto como as comunidades, modos de vida, alimentação, hábitos, linguajar e etc. Todas as atividades foram pensadas e realizadas na localidade, utilizando tudo o que fosse possível. A partir de cada comunidade, em que cada um vivia ou estudava, foram utilizados as folhas, os grãos, entrevistas e os locais de pesquisa e o acontecimento das aulas, todos se deram na Nova Betel ou em algum dos inúmeros ramais¹ que compõem o Planalto. Todos os trabalhos contidos nas páginas a seguir, foram selecionados em conjunto com os alunos das turmas onde realizamos os projetos.

Os trabalhos se desenvolveram com alunos da Educação Infantil, Jardim II (*IMAGEM 01*), 4º ano (*IMAGEM 02*) e 9º ano (*IMAGEM 03*) do ensino fundamental da escola Nova Betel. As atividades foram divididas seguindo o critério de cada professor responsável por determinada série. Estas atividades poderiam ser de desenho livre, confecção de maquete e cartazes, trabalho manual com barro, colagens com sementes, relatos escritos e visitas in loco.

Os alunos do Jardim II, orientados pela Professora Ane, realizaram desenhos e colagens com grãos e E.V.A. Os alunos do 4º ano do ensino fundamental foram os que mais diversificaram suas atividades. Comandados pela Professora Elem Fernanda, de início, desenharam o trajeto percorrido de sua casa até a escola, atentando à paisagem natural vivenciada (*IMAGENS 07 e 09*). Logo após, desenharam a escola e sua paisagem e depois fizeram colagem com sementes de seu cotidiano, tais como feijão, milho, arroz e tento.

Continuando as atividades do projeto, a professora sugeriu aos alunos que fossem até uma lagoa próxima, rica em barro nas suas margens, para que pudessem executar a próxima tarefa. Ela solicitou que os alunos retirassem o barro e produzissem livremente, explorando sua criatividade, trabalhando em grupo e transmitindo às “obras” o comportamento de cada um. (*IMAGEM 06*)

“Foi muito interessante as produções, muitos produziram bonecos, painéis e até bolos...” (Professora Elem Fernanda.)

Já com os alunos do 9º ano, foi realizada uma visita à comunidade vizinha, denominada “Colônia dos Barretos”, tendo

por objetivo observar o cotidiano daquela comunidade e após pensar o que naquela localidade há de igual e de diferente da sua. O propósito era chegar a uma conclusão de quais práticas e hábitos são comuns entre eles, criando nos alunos um efeito de mundo daquela localidade. A visita durou uma manhã e no dia seguinte foi solicitado aos alunos que escrevessem o relato de sua visita em forma de redação, citando os comparativos. Na maioria dos relatos foi relevante o comparativo de religiões, se na Nova Betel a religião evangélica e católica predominam, no Barretos eles seguem o Adventismo do Sétimo dia, em que, para espanto dos alunos visitantes, os fiéis são proibidos de brincarem, não tendo nem espaço na comunidade para o campo de futebol. O relato colocado como igual a todas as comunidades está relacionado aos frutos da região; as árvores frutíferas (açai, mangueira e limoeiro) são citadas como pertencentes a todas as comunidades do planalto, além, é claro, do carro de boi. Fato interessante e pertinente na maioria das redações é a afirmação de que eles vivem muito unidos, como uma grande família. Tal discurso faz parecer que esta união não há em outras comunidades do planalto. Podemos citar alguns relatos dos alunos do 9º ano. Seguem alguns trechos interessantes:

Mirna

“... a sua religião é diferente que até não pode dançar, jogar bola por que isso vicia. Aquela comunidade as pessoas são muito reunidas como se fosse só família.”

Fernanda

“Eu já tinha muita vontade de conhecer a comunidade Barretos e essa oportunidade foi ótima pra mim! O que mais me impressionou foi a união entre os comunitários, a compartilhamento que eles tem e receberam nós muito bem.”(IMAGEM 08)

Cléia

“A diferença é que eles sobrevivem da farinha, lá tem igarapé, as casas são distantes uma das outras não tem campo de futebol. A igualdade é que lá tem pés de açai, mangueira, limoeira, igreja, boidecarroça e barracão comunitário.”(IMAGEM 10)

¹ Ramais - pequenas estradas que se iniciam na principal, no caso, a estrada do BEC.



CAPÍTULO 2 - E.M.E.F. MACEDONIA

A Comunidade Macedônia localiza-se à margem do Lago Sapucuá, abrigando a escola de mesmo nome. A partir do curso de Formação de Professores organizado pelo Programa “Educação Patrimonial em Oriximiná- PA” alguns professores (Alcinei Gato, Gilza Savia Andrade, Oziel Aranha, Joana Célia, Angela Diniz, Maria das Graças, Francilene Guerreiro e Francinei Serrão) optaram em iniciar o trabalho de pesquisa etnográfica contando suas lendas regionais. A intenção, segundo o professor Oziel, é utilizar esta experiência para registrar a cultura e a história do local, evidenciando a influência, ou até mesmo a interferência da cultura no cotidiano da comunidade.

Participaram desta atividade os alunos do 7º ao 9º anos (Elivaldo Vieira, Alessandra Cardoso, Emilly Correa Alves, Rosenete Correa Alves, Queilane Cardoso, Adriano Gato, Diele Almeida, Cleiton Laurindo, João Laurindo, Tathiane Barros e Raquel N. da Silva). Foi proposto que eles escolhessem, na comunidade, lendas e bons informantes para suas pesquisas. A maioria escolheu como informante algum ente mais velho da própria família, justificando que os mais antigos na região possuíam maiores conhecimentos sobre o assunto. Essa escolha partiu de um entendimento de que essas pessoas poderiam ter vivenciado alguma situação extraordinária, originando ou reafirmando determinada lenda. (IMAGEM 01)

Desta forma, foram encontradas lendas como a da cobra cumã, do homem de branco, do mito de fundação da comunidade Casinha e da arraia gigante. Abaixo seguem algumas transcrições da narração dos alunos de como eles encontraram os seus informantes.

“ Bom, pra mim chegar lá na minha avó foi aquele sacrifício, porque ela mora no Flechal, aí como a gente vai nos final do mês na cidade, e ela mora na casa da minha tia, eu ia lá com ela, cada mês que eu ia, eu ia lá com ela pra ela me contar um pedaço, porque era muito grande, a história. Aí eu ia lá com ela, levava o papel, a caneta pra mim escrever lá e ela contava. Aí quando eu me cansava eu ia me embora pra casa, que eu já tava cansada. Aí quando eu ia no outro dia de novo, aí... terminou a história, quando... acho que foi praticamente, acho que uns três meses pra ela me contar toda a história, porque deu, se eu não me engano, foi quatro folhas que deu que eu escrevi. Mesmo assim também eu já sabia um pouco da história, que a minha mãe até... o professor Oziel já tinha feito um teatro com a minha mãe, quando a minha mãe estudava aqui na escola fez um teatro, aí ela me contava um pouco quando não eu ia lá com Seu Carumbé também, mas era mais com a minha avó que eu ia, porque ela já é idosa, ela já tinha mais conhecimento sobre essas histórias daqui do Lago de Sapucuá.”

Trecho do processo de seleção de informantes e passo a passo da pesquisa da lenda da Cobra Cumã narrados pela aluna Emily. (MAGEM 02)

*“Foi assim né, eu cheguei lá em casa, tava com intenção de já ir lá com *ele, aí teve um menino, um aluno aqui da escola, que disse que ele tinha viajado né, mas aí quando eu cheguei em casa, ele tava lá no porto de casa na hora que eu cheguei e falei com ele, aí disse que era pra mim ir na casa dele né, aí eu fui, dei um tempo lá ainda,*



descansei um pouco, aí eu fui de canoa né, fui, cheguei lá. Até que não foi muito difícil de encontrar porque ele mora bem em frente de casa, nem é tão distante também pra mim chegar até lá e ele foi até bacana, me escutou, ouviu o que tinha pra me dizer. Aí eu falei pra ele que eu queria que ele contasse a história da comunidade, ele disse que tudo bem, que contava, até que sabia algumas outras. É... diferente da história da comunidade, mas eu disse que eu queria essa porque é uma história de muitos anos atrás, mas que é real, que aconteceu.”

Processo de pesquisa do mito de fundação da Comunidade da Casinha, narrado pelo aluno Elivaldo.

**Ele: no caso, o informante escolhido, Seu Chico, coordenador da Comunidade da Casinha.*

O interessante deste processo é que os alunos se apropriaram das histórias e passaram a contá-las com suas palavras. Em nossos encontros, em diversas oportunidades, nos deparamos com estas narrativas, sempre muito intensas e alegres.

*“Foi numa noite, a gente tava lá em casa, aí *ela começou a contar essas histórias, aí contou essa, que esse homem foi lá na rede delas embrulhar elas. Elas estavam só, eram crianças. Elas estavam, era de noite, umas seis horas, aí a mãe delas deixou sozinhas lá na casa, aí quando era seis horas elas entraram lá pra dentro. Eram três, três irmãs, elas entraram pra lá e esqueceram a porta aberta, só encostada. Aí quando elas estavam deitadas lá, o homem entrou, ele pegou um lençol assim e jogou por cima delas (...)Eu acho que ele é uma coisa boa né? Que ele só fez embrulhar elas, se fosse mal, ele tinha feito outras coisas... Aí ele foi lá na rede delas, embrulhou elas e saiu pra dentro do mato, foi embora (...) Mas tem outra história de que elas estavam andando, uma só, ela tava andando na estrada, aí quando ela olhou assim viu um homem, esse mesmo homem. Aí ele estava em pé na estrada com um facão, ela pensava que era o tio dela, só que o tio dela não tava lá, era esse mesmo que apareceu pra ela (...)Só que nesse caso, eu acho que nesse já é mal porque ela disse que ele correu atrás dela. Ele aparecia sempre*

*“de roupa branca e chapéu. Aí por isso que elas diziam que era a mesma pessoa.”Trecho da lenda do homem de branco, narrado pela aluna Alessandra.
Ela: no caso, a informante escolhida, a tia avó da aluna.

“Um dia o professor chamou nós e disse que ele queria uma lenda, um estudo. Eu cheguei em casa e pedi pro meu avô contar a lenda da arraia. Aí ele me contou. Ele disse que ele vinha seis horas da tarde lá de casa, numa canoa de 22 palmos. Quando ele chegou bem perto do comércio do seu Martiniano, enxergou aquele remoinho em cima d’água. Mas ele pensava que era vento. Aí ele veio, veio, veio, veio... quando chegou perto, quando ele passou, embaixo era uma arraia muito grande: eram aquelas pintas, aquelas pintas grandes e não tinha como ele se defender. Só fez foi levantar o remo e deixou passar aquilo por baixo. Fora, foi um tempo aqui na Praia Grande, ela tentou a chegar querer ir pro mar comer gente. Tentou, mas não conseguiu. O pessoal saíram pra terra e ela foi embora. Nunca mais viram ela.”

Trecho da lenda da Arraia Gigante narrada pelo aluno Kener.

Após esta reunião inicial, quando as pesquisas individuais tornaram-se do conhecimento de todos, propusemos aos alunos que selecionássemos um dos informantes citados para que pudéssemos refazer o processo de etnografia, só que agora em grupo, numa visita coletiva, onde todos participariam fazendo perguntas, registrando o processo com fotos e filmagens, assumindo realmente o protagonismo das ações. A proposta foi recebida com entusiasmo. Sem receios, os alunos puderam lidar com os equipamentos de filmagem e gravadores de áudio que foram trazidos por nossa equipe. Aos poucos, o acanhamento ao manusear a câmera e ser filmado foi se perdendo, até que a atividade começou a ser direcionada pelos próprios alunos, apontando lugares importantes a serem registrados e narrando outras lendas que ainda não haviam sido apresentadas. Combinamos que as gravações realizadas durante o processo de pesquisa coletiva seriam exibidas aos pais e demais alunos do colégio, com o propósito, não só de propagar as informações colhidas, mas, principalmente, explicitar a comunidade escolar o método da pesquisa etnográfica



etnográfica que havíamos realizado na Escola Macedônia.

O informante escolhido foi Francisco, coordenador da Comunidade da Casinha, mais conhecido como “Seu Chico”. O trajeto de barco até a comunidade da Casinha durou cerca de 40 minutos, seguimos para dar prosseguimento à introdução da pesquisa realizada pelo aluno Elivaldo, também morador da Casinha. O aluno diz que tomou seu Chico por informante “*porque ele é filho dum homem, que já morreu há muito tempo, e que fazia parte da coordenação da primeira fundação da comunidade. Ele (seu Chico) é um senhor já e tem muito conhecimento*”. O caminho foi marcado por paradas em lugares onde, “dizem”, deram-se acontecimentos fora do comum. Apontaram a Cabeceira do Cumã como o local onde a arraia gigante encalhara barcos e a Ilha do baiano, lugar onde artefatos deixados por índios aparecem quando as águas estão baixas, sendo proibido removê-los. Ao longo do percurso, os alunos compartilharam os relatos que obtiveram junto aos seus informantes. Quando um aluno contava uma história, outros vinham acrescentar novas lembranças de terem ouvido aqui e ali. “Aqui é lugar do encantado”, dizem ao relatar os mistérios das lendas regionais.

A Casinha é uma comunidade vizinha à Macedônia, sendo a primeira a se estabelecer no Lago Sapucúá e, portanto, fundadora da região. Para que chegássemos até lá, nos foi cedido um barco pela direção da escola e, assim que chegamos, encontramos Seu Chico que, prontamente, deixou os afazeres de lado para nos dar a entrevista. (IMAGEM 03) As conversas iniciais se deram em função do mito de fundação da Comunidade da Casinha, originalmente chamada Comunidade da Casinha de São Francisco de Chagas, em virtude da Igreja ali instituída em homenagem ao padroeiro. Como nos disse Chico, a construção da Igreja se deve ao pagamento de uma promessa feita por sua bisavó ao ver o filho adoecido. Ao curar a criança, a senhora manda trazer uma estátua do Ceará, seu estado natal, e constrói uma igreja para abrigá-la, que dá origem ao nome da Comunidade, que, depois de passar por vários locais, veio a se assentar na beira do lago Sapucúá até os dias de hoje. A conversa continua, seu Chico nos conta de sua vida, seus afazeres e de uma prática que ele realiza nas horas vagas: “*Quando estou a fazer nada, gosto de fazer historinhas*”, diz Seu Chico. Diante desta descoberta pedimos a seu Chico que nos mostrasse seus escritos poéticos. Dentre muitas poesias seu Chico escolhe uma bem grande, escrita em duas páginas

cerca de vinte e cinco estrofes de sete versos cada, intitulada “Lamentos do trabalhador”. (IMAGEM 04)

*“Nós somos filhos nativos
Aqui do Sapucúá
As autoridades não querem
Nossa terra documentar
Pois fiquem sabendo doutores
Nós também temos valores
Precisamos trabalhar
Nós temos muita riqueza
Pela minha experiência
Que podíamos usufruir
Para nossa sobrevivência
Porém, por ordem da lei
Coisa que nunca pensei
Assinaram nossa sentença
Mas Deus no céu está vendo
A nossa situação
Jesus intercedendo
Ao autor da criação
Por nossa sobrevivência
Pois nele nós temos crença
Não vai nos faltar o pão
As mineradoras levando
Todo nosso minério
As autoridades aceitam
O problema é muito sério
E nós que somos os donos
Vivendo no abandono
Só nos resta o cemitério
Dizem que o Brasil não guerreia
Pois eu lhe digo, Senhor
Eles vivem em plena guerra
contra o trabalhador
Que desde sua mocidade
Sofrendo necessidade
Escravidado por doutor.*

Trechos da poesia “Lamentos do Trabalhador”, de autoria de Francisco, coordenador da Comunidade da Casinha.

No último dia do nosso encontro, nos reunimos na escola para mostrar para a comunidade (alunos, professores e pais) o vídeo da atividade descrita acima. (IMAGEM 05) Foi então, que uma aluna chamada Tatiana nos procurou, junto a uma mãe de aluno (Silvana) e nos disse que na família de Silvana existia uma pessoa (seu Chico da cabeceira do Cumã) que sabia da “*história da cobra Cumã desde o ovinho...*”. Esta lenda já havia aparecido no trabalho da aluna Emilly. Diante da iniciativa e da alegria da aluna para levar a frente o trabalho etnográfico com o seu Chico,



buscamos um barco com a direção da escola e partimos no final da tarde para a cabeceira do Cumã. Combinamos que a aluna Tatiana, do 6º ano da professora Francilene, que já tinha feito uma pesquisa preliminar e encontrado o informante, conduziria a entrevista e que nós registraríamos em fotos e vídeo. Na casa de seu Chico fomos recebidos por Silvana, seus filhos, Silmara, Bruno, Edson Jr, Wellington, seu marido Derlande, sua sogra dona Dulce e seu Chico. Chico estava numa rede descansando de um mal estar estomacal (*IMAGEM 06*). Disse que, por isso, não havia ido pescar neste dia e que já estava nos esperando. Feitas as apresentações Tati pergunta a seu Chico sobre a lenda da cobra Cumã. Ele indaga o que nós sabíamos. Dissemos que é a história de alguém que encontra uma cobra no caminho e resolve cuidar dela... Seu Chico nos interrompe e diz:

“Não, não foi assim, Seu Teodoro, o nome dele foi seu Teodoro. Ele vinha do trabalho e encontrou um ovo no caminho, entendeu? Aí ele levou para casa dele, chegou lá ele ‘pegou’ um ‘argudão’, colocou aquele ovo dentro do ‘argudão’ e colocou no pano. E de três em três dias, ele ia lá ‘espiá’. Quando foi um dia ele foi lá e ela já tinha nascido, já tinha nascido uma cobrinha. Aí ele agarrou aquela cobrinha e colocou dentro do pano. Aí ele abria a boquinha dela e dava comida. Ela foi crescendo, foi crescendo, quando ela já estava maiorzinha, dentro daquele pano, madurinha, ele arrumou um copo, um barde de cuia, entendeu? Aí ele colocou dentro, já com um pouquinho de água, cobrindo as costas dela para ela não morrer. E lá ele alimentava ela, entendeu? Ele alimentava, alimentava... e ela foi crescendo naquele barde. (...). (a transcrição completa poderá ser apresentada numa outra oportunidade)

Terminado o relato ficamos mais um tempo conversando com seu Chico e familiares até o final da tarde quando retornamos para casa tendo o pôr do sol como companhia.



CAPÍTULO 3 - E.M.E.F. SANTA MARIA GORETTI

Olá! Gostaríamos de compartilhar com vocês a experiência pedagógica que tivemos com os alunos do 9º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Maria Goretti, em 2012. A escola fica localizada no bairro Santa Terezinha (*IMAGENS 01 e 02*), zona urbana do município de Oriximiná. O bairro foi fundado no ano 1982, com a chegada dos padres do Verbo Divino, formando assim, a Comunidade Católica do Bairro. A escola disponibiliza turmas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental, e tem como um de seus principais objetivos, sugerido em seu Projeto Político Pedagógico, proporcionar e estimular o envolvimento consciente do aluno no processo educativo, tendo em vista seu crescimento como agente e o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas da escola. Mediante a tais considerações, a escola aceitou com prontidão o projeto “O BAIRRO DA MINHA ESCOLA”.

O projeto começou a ser construído na sala da coordenadora pedagógica Adriana Marinho Pimentel, a partir do curso de *Etnoeducação e Patrimônio*, que aconteceu no período de 30 de abril até 04 de maio de 2012.

A sugestão da atividade era trabalhar com as histórias do bairro Santa Terezinha e sua formação, pois era notório que os alunos as desconheciam. Com isso, foi sugerido pela coordenadora pedagógica Adriana Pimentel que fossem trabalhados os seguintes pontos: lazer, tipos de moradias, praça do Centenário, tipos de comércio, escolas, igrejas, fotos antigas e a história do bairro.

A turma escolhida para a execução do projeto foi a do 9º ano C (*IMAGEM 03*). Porém, devido ao pouco tempo que se tinha, por termos apenas um encontro semanal e o fato de trabalharmos em outra escola, faltando tempo disponível para acompanhá-los na atividade de campo, percebemos uma

falta de motivação dos alunos em relação à aprendizagem. Precisávamos recompor a energia da turma.

Percebido isto, fomos para a sala de aula para compartilhar ideias e propostas. Falamos da importância do registro documental na atividade a ser desenvolvida e principalmente sobre o valor que cada um tinha nessa construção.

Após as orientações e explicações da professora Elizabeth, os alunos tiraram suas dúvidas. Foi perguntado à turma se gostariam de participar do projeto, neste instante ficamos apreensivos. Porém, sem hesitar, a turma concordou e imediatamente houve aceitação absoluta do projeto; deu-se o início das atividades.

A turma foi dividida em pequenos grupos e foi feito o sorteio dos temas de estudo. Após o sorteio, foi permitida a troca de tema, caso houvesse consenso entre as equipes, porém não aconteceu nenhuma troca. Ao fim deste primeiro encontro, a empolgação da turma era perceptível, pois era uma atividade que iria além dos muros da escola (*IMAGEM 04*) e onde construiriam juntos o conhecimento. Durante os encontros que sucederam, cada equipe comentava um pouco de sua descoberta, dos desafios enfrentados e da satisfação em conhecer algo que está tão próximo a eles, mas que até então, não era dada a cabida importância.

“Trabalhar dessa forma não é fácil, porém se tivermos desejo de voos de águia tudo é possível, e a satisfação de estar contribuindo com a educação que acredito, é maior ainda.”

A forma de construir coletivamente o conhecimento e registrá-lo foi decisivo para o êxito do trabalho, pois despertou grandemente o interesse dos alunos, o que causou uma surpreendente participação efetiva deles desde o início até a finalização do processo; isso fez com que se sentissem sujeitos participativos.

Participaram da elaboração dos textos deste capítulo e dos projetos:

Prof. Elizabete Pedroso dos Santos e os alunos do 9º. C: Endrick George V. Lopes, Braz Almeida P. Neto, Nara Julia V. de Souza, Marionete da S. Dourão, Andreson C. Machado, Kedson L. de Sousa, Eriane S. da Gama, Nelriane S. da Cruz, Edmundo A. Gomes, Débora B. Mendes, Felipe L. do Amaral, Jemeson C. Soares, Luís Henrique S. Souza, Remen Felipe de C. de Sousa, Caroline de A. Souza, Iury C. dos Santos, Saymê da S. Correa, Fernanda A. Viana, Ruan S. Garcia, Natalia C. Albuquerque, André Luiz de O. Caetano, Vanessa R. dos Santos, Kiara E. T. Barros, Taiane F. da Silva, Camila A. dos Santos, Marcelli de J. dos Santos, Marcos de J. dos Santos, Nadianne G. Soares, Sueli do S. G. de Araujo, Matheus dos S. Calderaro



CADERNO DE IMAGENS

CAPÍTULO 1 - E.M.E.F. NOVA BETEL



IMAGEM 01



IMAGEM 02



IMAGEM 03



IMAGEM 04



IMAGEM 05



IMAGEM 06



IMAGEM 07

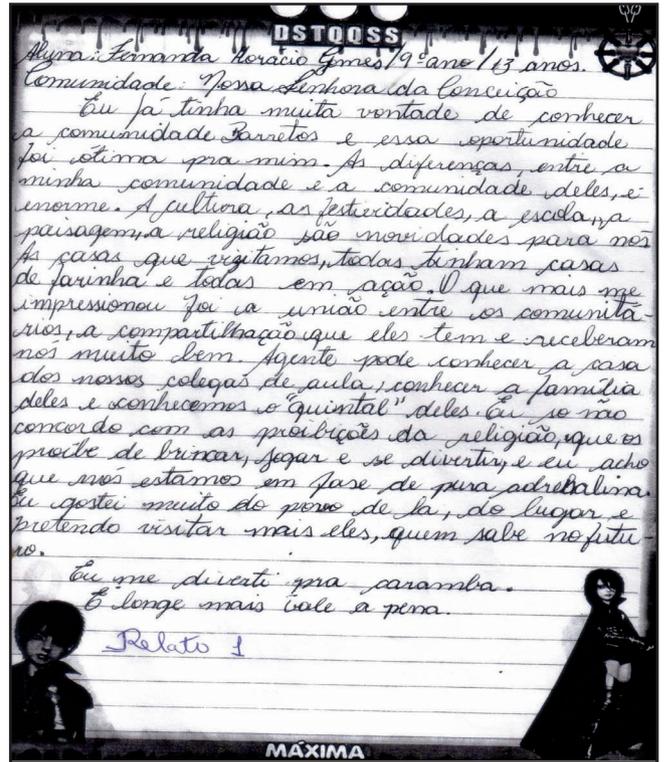


IMAGEM 08

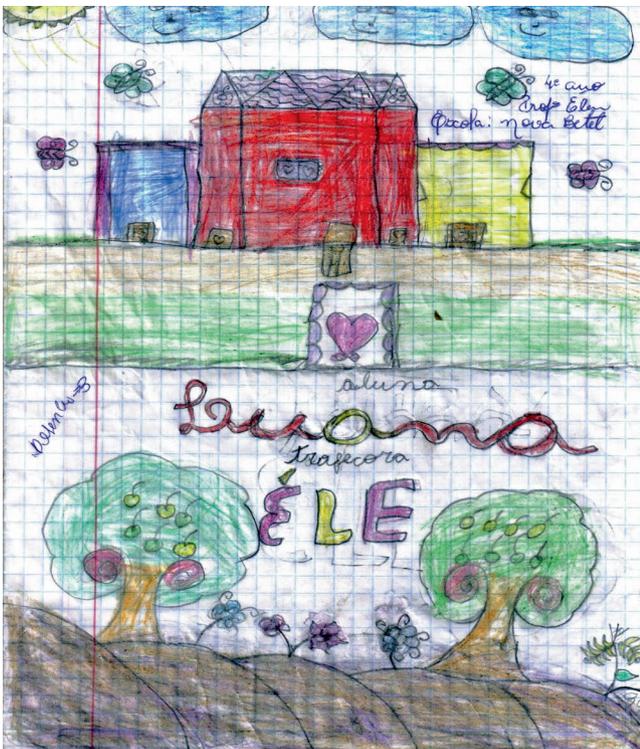


IMAGEM 09

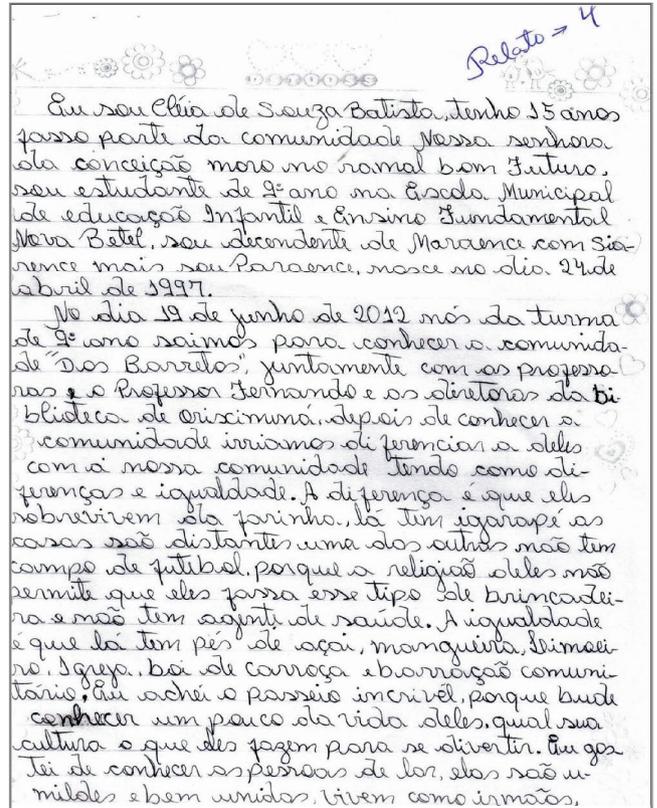


IMAGEM 10

- IMAGEM 01- Alunos do Jardim II
- IMAGEM 02. Alunos do 4º Ano
- IMAGEM 03- Alunos do 9º Ano
- IMAGEM 04- Escola Nova Betel
- IMAGEM 05- Meninos no carro de boi

- IMAGEM 06- Alunos do 4º ano e seus trabalhos com barro
- IMAGEM 07. Desenho Francisco – 4º Ano
- IMAGEM 08- Redação Fernanda – 9º Ano
- IMAGEM 09- Desenho Luana – 4º Ano
- IMAGEM 10- Redação Cleia – 9º Ano

CAPÍTULO 2 - E.M.E.F. MACEDÔNIA



IMAGEM 01

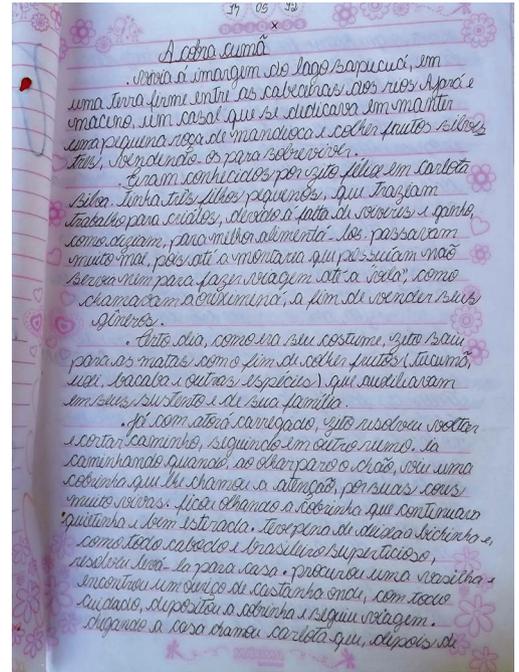


IMAGEM 02



IMAGEM 03

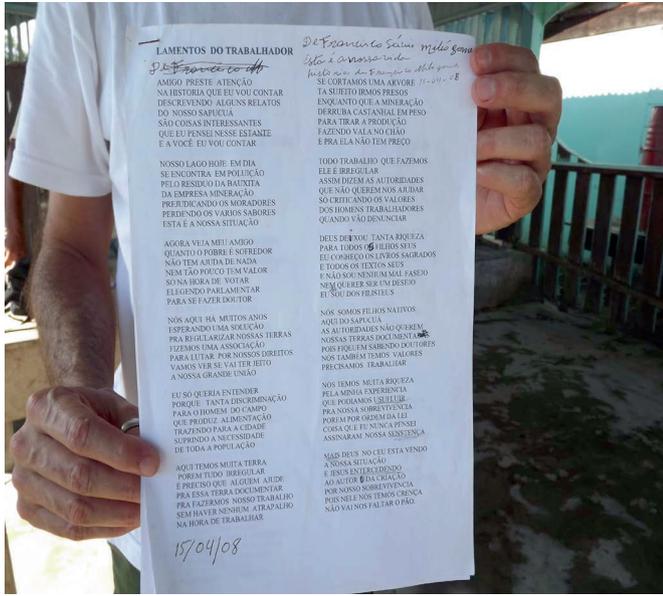


IMAGEM 04



IMAGEM 05



IMAGEM 06

IMAGEM 01 - Marcelo, Aline, Professor Oziel e alunos reunidos no pátio da Escola Macedônia.

IMAGEM 02 - Lenda da Cobra Cumã pesquisada e escrita pela aluna Emily.

IMAGEM 03 - Entrevista dos alunos com Seu Chico, na Comunidade da Casinha.

IMAGEM 04 - Seu Chico segura a poesia "Lamentos do trabalhador".

IMAGEM 05 - Diretora Ângela, pais e alunos assistem as filmagens realizadas pelos alunos.

IMAGEM 06 - Francisco da Cabeceira do Cumã, narra a lenda da Cobra.

CAPÍTULO 3 - E.M.E.F. SANTA MARIA GORETTI

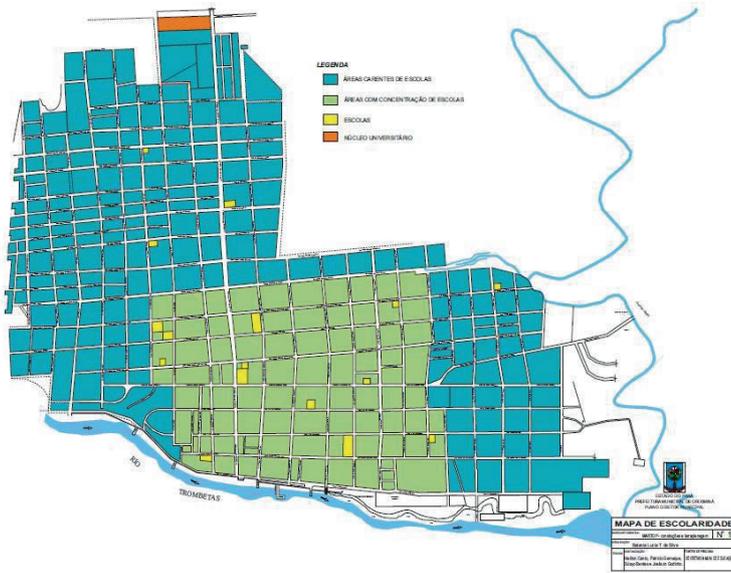


IMAGEM 01



IMAGEM 02



IMAGEM 03



IMAGEM 04



IMAGEM 05



IMAGEM 06

IMAGEM 01. Mapa do bairro Santa Terezinha.

IMAGEM 02. Escola Santa Maria Goretti

IMAGEM 03. Alunos do 9º ano trabalhando

IMAGEM 04. Alunos realizando entrevistas pelo bairro.

IMAGEM 05. Alunos trabalhando na sala de aula.

IMAGEM 06. Registro através de desenho de aluno

CAPÍTULO 4 - E.M.E.F. SÃO FRANCISCO



IMAGEM 01



IMAGEM 02



IMAGEM 03



IMAGEM 04



IMAGEM 05



IMAGEM 06



IMAGEM 07



IMAGEM 08

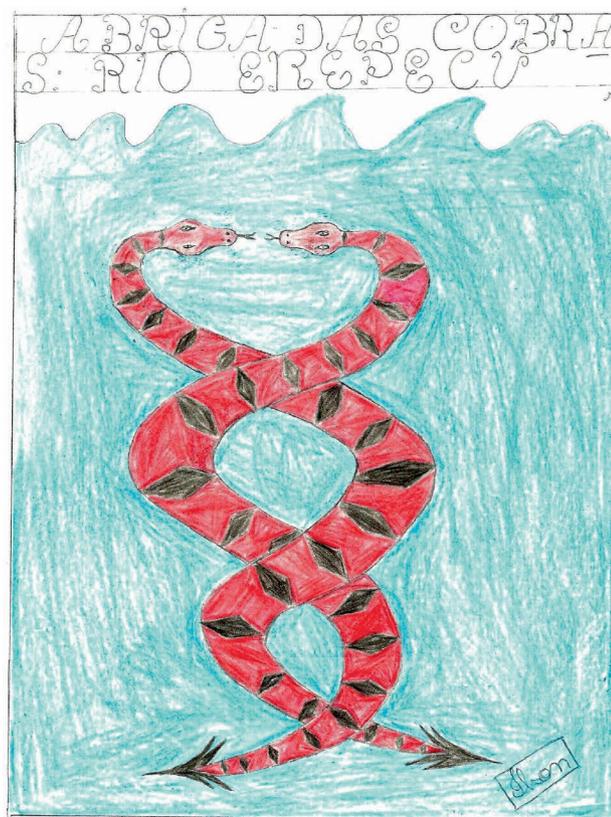


IMAGEM 09

IMAGEM 01- E. M. E. F. São Francisco

IMAGEM 02- Excursão de barco pelas comunidades

IMAGEM 03- Excursão de alunos e professores na comunidade São Joaquim

IMAGEM 04- Excursão de alunos e professores na comunidade Espírito Santo

IMAGEM 05- Entrevista com os mais velhos, na foto Tia "Bereca" de 103 anos e sua filha D. Margarida

IMAGEM 06- Todos atentos registrando as histórias

IMAGEM 07- A "Cobra Grande" por Rubiney

IMAGEM 08- Visão do aluno Ozéias Oliveira de Melo, sobre o Furo na Terra feito pela Cobra Grande

IMAGEM 09- A briga das cobras segundo o Aluno Ilson Gomes Dias

CAPÍTULO 5 - E.M.E.F. I. SANTIDADE

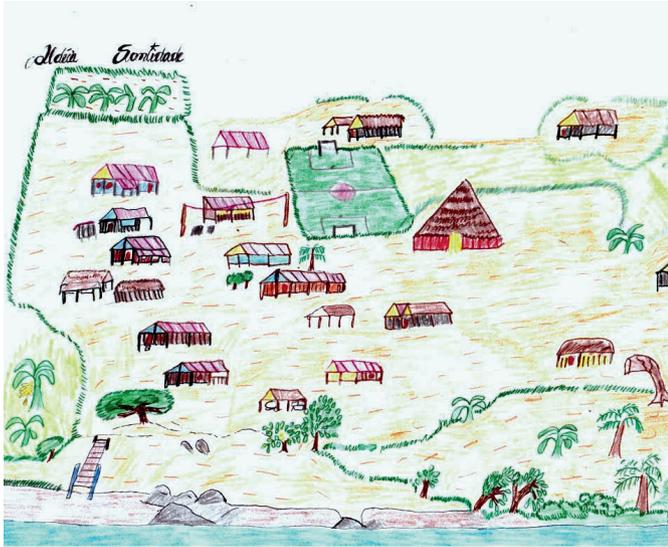


IMAGEM 01



IMAGEM 02



IMAGEM 03



IMAGEM 04



IMAGEM 05



IMAGEM 06



IMAGEM 07



IMAGEM 08

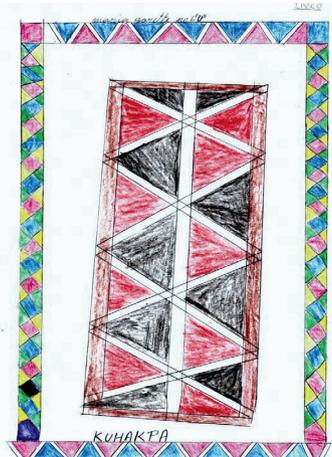


IMAGEM 09



IMAGEM 11

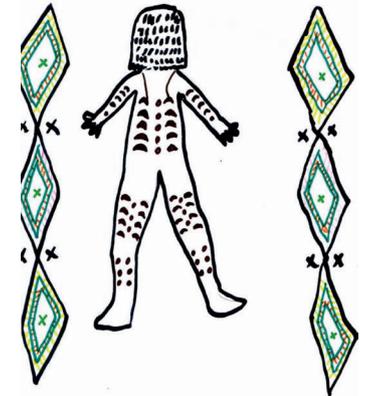


IMAGEM 12

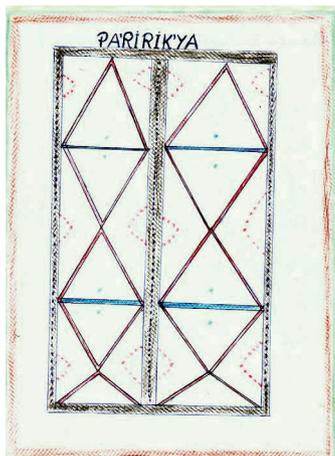


IMAGEM 10



IMAGEM 13



IMAGEM 14

IMAGEM 01 – aldeia Santidade (desenho do aluno Carlixto)

IMAGEM 02 – alunos do 1º. ao 4º. anos apresentando seus trabalhos escolares e os professores Clodoaldo e Mauro

IMAGEM 03 – tipologia construtiva entre os Kaxuyana com destaque em cima, ao centro, do tipo tameriki, construção circular (desenho de João do Vale)

IMAGEM 04 – aprendizado de homens e mulheres ao longo da vida (desenho concebido coletivamente e realizado por Carlixto, aluno do 7º. ano).

IMAGEM 05 – rapazes (alunos do 6º. e 7º. anos) com o professor Mauro e os velhos Manuel Gertrude (amu) e João do Vale, ao fundo outros alunos da escola.

IMAGEM 06 – alunas do 6º. e 7º. anos com alguns alunos do 1º. ao 4ª. anos

IMAGEM 07 – desenho do dia da caçada da anta (desenho do aluno Josivan)

IMAGEM 08 – O velho Manoel pintando a aluna Edna do 6º. ano com padrão Kuhakpa durante a preparação da festa de encerramento do 1º. semestre letivo

IMAGEM 09 – padrão kuhakpa (desenhado pela aluna Maria Goretti)

IMAGEM 10 – padrão paririkya (desenho da aluna Creucilene)

IMAGEM 11 – pintura da onça (desenho do aluno Carlixto)

IMAGEM 12 – pintura da lua (desenho da aluna Maria José)

IMAGEM 13 – aluno Gildo do 6º. ano ensinando alunos do 1º. ao 4º. ano a retirada do fio de curuá para fazer fio de arco

IMAGEM 14 – alunas do 6º. ano Maria José e Goretti

CAPÍTULO 6 - E.M.E.F.I. MAPUERA



IMAGEM 01



IMAGEM 02



IMAGEM 03



IMAGEM 04



IMAGEM 05



IMAGEM 06



IMAGEM 07



IMAGEM 08

IMAGEM 01- Turma do 8º Ano "A"

IMAGEM 02- Turma do 8º Ano "B"

IMAGEM 03- Turma do 8º Ano "C"

IMAGEM 04- Prof. Najara orientando um grupo

IMAGEM 05- Alunos trabalhando em grupo

IMAGENS 06 e 07- Trabalhos realizados pelos alunos

IMAGENS 08- Alunos demonstrando a utilização das plantas

CAPÍTULO 4 - E.M.E.F. SÃO FRANCISCO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco está situada à margem esquerda do rio Erepecuru. Foi fundada no dia 05 de setembro de 2004 e funciona como escola polo, atendendo as comunidades do Araçá de Fora, Araçá de Dentro, São João, Espírito Santo, São Joaquim e Pancada, todas remanescentes de quilombos. Todas se localizam às margens do rio Erepecuru e possuem como principais atividades a agricultura familiar, o extrativismo, a vivicultura (criação de pequenos animais), artesanatos, manifestações religiosas e culturais, medicina alternativa (fitoterápicos), coleta da castanha, produção de farinha e cultivo de banana. Essas atividades são realizadas tanto individualmente, como em forma de puxirum, também conhecido como mutirão. A escola conta com 22 alunos na educação infantil e 117 no ensino fundamental (1º ao 9º ano). O quadro de funcionários é composto de 8 professores, 1 diretora, e 2 funcionários auxiliares de serviços gerais. (IMAGEM 01)

Após o curso de formação, organizado pelo Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná-PA, distribuíram-se tarefas com participação dos professores, diretora, barqueiros, alunos, auxiliares de serviços gerais e integrantes das comunidades, com a finalidade de se construir coletivamente o tema e a metodologia etnográfica que seria utilizada para trabalhar a questão da valorização e manutenção do patrimônio cultural. O tema escolhido foi a “lenda da cobra grande do rio Erepecuru” que abrange muitas características próprias da cultura local, e como metodologia foram organizadas excursões dos alunos do 6º ao 9º anos nas comunidades da Pancada, Espírito Santo e São Joaquim para entrevistas com os mais velhos, detentores dos saberes sobre a lenda escolhida. (IMAGENS 02 e 03)

Tudo o que surgiu como resultado das excursões e entrevistas foi registrado em detalhes e, posteriormente, geraram desenhos, álbum de fotos, diário de trabalho de campo e relatórios, organizados depois em um portfólio. Observou-se que a educação não se faz somente na sala de aula, e sim fora do ambiente escolar.

“Com essa pesquisa olhamos mais pra dentro da nossa comunidade, descobrimos histórias que e nunca imaginamos.” Deuzilene Silva de Souza (aluna)

“Achei importante a nossa escola estar dentro desse projeto, é um mérito para todos nós” Silas Viana Gomes (Aluno e Barqueiro)

“Eu queria falar sobre a lenda do Padre Nicolino, mas descobri a lenda da Cobra Grande e se precisar faço tudo de novo.” Ronildo Figueiredo da Silva (Aluno)

A LENDA DA COBRA GRANDE DO BARRACÃO DE PEDRA DO RIO EREPECURU

SOBRE O BARRACÃO

O barracão de pedra do rio Erepecuru é uma fascinante obra-prima da natureza e se localiza nas proximidades das comunidades quilombolas São Joaquim e Espírito Santo, no alto rio Erepecuru, afluente do rio Trombetas, em Oriximiná.

Esse barracão é assim conhecido por se tratar de uma cratera aberta na rocha às margens do rio e que, segundo os moradores negros mais antigos, nossos informantes

(D. Margarida Souza Almeida, D. Deuzarina Silva, Sr. Lazaro Figueiredo, D. Julia Márcia Quedes Batista, Sr. Rubival Melo, D. Maria Cecília Figueiredo e Sr. Benedito Guedes do Nascimento), era a moradia de duas grandes cobras, que deu origem ao nome do lugar. Pelas informações desses moradores, por insuficiência de espaço, uma das cobras mudou-se para o lago do Erepecú, ficando no local apenas uma que, de acordo com essas informações, era a mais feroz e mais perigosa. Ainda de acordo com esses informantes, após um grande embate entre as cobras, ocorrido no Erepecu, a cobra do barracão foi morta e o lugar passou a servir de espaço para as festas culturais, religiosas e rituais sagrados, ficando conhecido como Sagrado Coração de Jesus do Barracão de Pedras. Nesse lugar existem objetos naturais, sem procedência, como imagens de macacos, do Sagrado Coração de Jesus e, o mais fascinante, os currais feitos de pedras, que se pode observar durante os períodos de seca. Desse fato surge a lenda da cobra grande do rio Erepecuru, que veremos a seguir.

A LENDA

Segundo os descendentes dos negros, após a fuga da escravidão, por volta dos anos de 1612, seus antepassados subiram o rio Erepecuru e se refugiaram acima das cachoeiras que existem ao longo desse rio. Eles foram ocupando o alto do rio, local denominado de Mocambo do Andirobal (hoje compreendida entre as comunidades quilombolas de São Joaquim e Espírito Santo, do lado esquerdo do rio; e Cachoeira da Pancada do lado direito). Os mais antigos como Nazaré Rosa Vicente, Sr. Colodino, Maria da Paz Melo, D. Bernadina (Tia Bereca), Maria do Rosario e D. Maria Peruana contaram da existência dessa enorme e feroz cobra, chamada Tucunamboia que habitava o grande barracão de pedra. Anteriormente também habitava o barracão, seu irmão, a cobra Caninane, mas por motivo de rivalidade e falta de espaço, esta última se mudou para o Lago Erepecu. Com a presença das cobras era perigoso trafegar pelo rio obrigando os mocambeiros a arrastarem suas canoas, saltando no lugar conhecido como arrozal e novamente pegando suas “montarias” no piquiá.

Tucunamboia era tão feroz que tudo o que passava muito próximo de sua área, incluindo pássaros voando, era atraído e lhes servia de alimento. Todos que desejavam subir ao alto do rio Erepecuru em direção às cachoeiras eram imediatamente avisados sobre a existência da cobra, para que não passassem por dentro do rio, no trecho onde se localiza o barracão, pois era impossível seguir por ali sem ser notado e devorado pela cobra. (IMAGEM 04)

Certa vez o curandeiro Candido Marinho avisou uma família de um cearense sobre o perigo de passar por lá (pelo barracão), porém, não acreditando no caso, ele insistiu na teimosia de passar. Uma lata que o cearense levava na canoa, no meio de seus bagulhos, bateu no galho dum araçazeiro e estrondou no porão despertando a ira da grande cobra que só dum rebujo emborcou a canoa. Na canoa iam crianças, animais, bagulhos e um moleque. Quem se salvou de tudo isso foi apenas o moleque que se segurou no galho do araçazeiro e Maria Peruana, que preferiu ir pelo caminho de terra. Os corpos, assim como todos seus objetos, nunca foram encontrados.

Conta-se ainda que a cobra grande, Tucunamboia, tinha a seu serviço, três botos de nomes Juvêncio, Palhão e Fornalha (que tinham o poder de se transformar também em jacaré). Eles caçavam e mantinham a cobra informada. Foi através deles que ela ficou sabendo que seu irmão, Caninane, lhe mandara um recado. O recado dizia para que se acalmasse e deixasse as pessoas passarem e junto enviou-lhe um pedido de casamento, pois esse teve conhecimento de que ela não deixava as pessoas e os animais passarem por ali. Tão grande foi sua raiva que foi rasgando e fazendo furos pela mata para cortar caminho e chegar logo ao local onde se encontrava seu irmão, para matá-lo. Esses furos na mata ficaram conhecidos como Terra Preta, Barreirinha e Moçambique.

Chegando ao local, a cobra travou uma grande e terrível briga com seu irmão. Esse fato foi presenciado e contado pelo pescador Coléh, que observou um grande estrondo vindo do fundo do lago e saiu remando muito apressado para avisar sobre o ocorrido. É contado ainda, que as águas do lago ficaram sujas, cheias de galhos, lama e mal cheiro; e que aconteceu um grande temporal. A briga demorou quinze dias e já era prevista pelos curandeiros da época, muito antes de acontecer. (IMAGEM 05)

No embate, a cobra Tucunamboia golpeou o seu irmão Caninane e o cegou; este, vendo que poderia morrer, matou sua irmã, que desceu o rio Trombetas, denominado rio grande e foi encalhar em uma praia próxima de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, hoje Belém-do-Pará. Após a briga, com a morte da cobra do barracão, as águas do lago Erepecu voltaram ao seu estado normal.



Um pescador daquelas redondezas viu um grande volume encalhado na praia e reconheceu que era uma grande cobra e fez alarmes chamando a atenção dos padres da época; dizem que um homem sobre um cavalo com os braços levantados não conseguia tocar o espinhaço dela, e ainda, que as águas das redondezas ficaram inúteis para o consumo por conta da quantidade de gordura que se espalhou com a diluição (decomposição) do seu corpo, e ainda que os padres retiraram a costela minguinha e usaram para fazer a arca do portal de entrada da Catedral de Nossa Senhora de Nazaré em Belém, tendo que realizar vários cortes por conta da dimensão do seu tamanho.

O afamado curador capitão Cândido, avisou aos negros sobre a morte da cobra, mas lembrou-lhes que ela tinha deixado dois ovos para vingar sua morte, um no lago do arrozal e outro no açai. Porém um só nicou (nasceu) e o outro gorou (não nasceu). O que nicou estava crescendo tanto que os curandeiros Cândido Marinho (caboclo), Maria Brasilina (cabocla) e Murão (um preto velho) conseguiram com suas “artes” expulsar o filho da cobra que baixou o trombetas e foi habitar no oceano.

Há quem diga que ambos os ovos nicaram e que os filhos continuam habitando os lagos onde foram deixados, mas estes não impediram que os negros viessem habitar o barracão onde a cobra morava e que, por muitos anos, foi utilizado como moradia e local de suas festas.

Participaram da elaboração dos textos deste capítulo e dos projetos:

Coordenadora: Maria de Jesus Pinto Seixas. Professores: Ana Luiza Silva dos Santos, Angla Mara Souza Almeida, Alexandre dos Santos Carvalho, Irene Maria Viana Pinheiro, Leuziane de Oliveira Souza, Lourivaldo Souza Almeida, Miguel Pinheiro Neto e Zulaide Freitas de Souza. Alunos: Aléia Santos da Silva, Amélia Santos da Silva, Auriane de Freitas Batista, Carlos Eduardo Nascimento Lima, Carlos Everton Nascimento Lima, Caroline Santos da Costa, Dejailson Sena Nonato, Delailza Sena Nonato, Dejanira Sena Nonato, Deuzilene Silva de Souza, Davi Silva e Silva, Diones Fonseca Moreira, Henilton dos Santos Queiroz, Elias Silva e Silva, Edinei dos Santos Souza, Igor dos Santos Batista, Izalene Almeida Nascimento, Italene dos Santos Batista, Joenison Salgado de Souza, Joelma Printes Baima, Jhon Makalister Gomes Nascimento, Ida Márcia Batista do Nascimento, Izaila Almeida do Nascimento, Ilson Lopes Dias, Leuzimara Silva dos Santos, Leandro Batista do Nascimento, Luana Fernandes Ribeiro, Luis Salgado de Souza, Marilene Salgado de Souza, Moises Silva e Silva, Nilcilene Almeida da Silva, Nirlene dos Santos Melo, Ozeias Oliveira de Melo, Rosangela Oliveira de Melo, Rosicleoson de Souza Lopes, Ronildo Figueiredo da Silva, Lessi dos Santos Queiroz, Silas Viana Gomes, Valdemir de Souza Barbosa, Valdilene de Souza Barbosa, Wallace Dias Balbino e Raimunda Salgado de Souza. Funcionários: Raimundo Nonato Moreira e Vilma Souza Almeida. Barqueiros: Adonis Fonseca Moreira, Benedito Guedes do Nascimento, Celso Miguel Macedo Marinho, Edvano Melo dos Santos, Francisco Pereira de Souza e Silas Viana Gomes. Entrevistados: Margarida Souza Almeida – Comunidade de São Joaquim, Júlia Marcia Guedes do Nascimento – Comunidade do Espírito Santo, Deuzarina Silva – Comunidade do Espírito Santo, Lázaro Figueiredo – Comunidade do Espírito Santo, Benedito Guedes do Nascimento – Comunidade do Espírito Santo, Rubival Melo dos Santos – Comunidade da Pancada e Maria Cecília Figueiredo – Comunidade da Pancada.



CAPÍTULO 5 - E.E.F.I. SANTIDADE (MATXUWAYA) ²

A Escola de Ensino Fundamental Indígena Santidade também denominada *Matxuwaya* funciona na aldeia *Warahatxa Yowkuru*, conhecida em português como Santidade (*IMAGEM 01*), onde atuam dois professores – Mauro Muhako, cacique e professor indígena responsável pelos alunos da educação infantil e 1º. segmento do ensino fundamental (*IMAGEM 02*); e Clodoaldo dos Reis, não indígena, a quem cabe o 2º. Segmento do ensino fundamental. A escola funciona provisoriamente na *tamiriki*³ (*IMAGEM 03*) e atende a 35 alunos ou 56% da população da aldeia (06 na educação infantil, 12 no 1º. segmento do ensino fundamental e 17 no 2º. segmento do ensino fundamental). Os projetos aqui descritos foram desenvolvidos ao longo de três meses com estudantes do 6º e 7º anos do segundo segmento. A separação dos alunos em rapazes e moças manteve a característica indígena de organização do trabalho por gênero (*IMAGEM 04*). Dessa forma, coube aos rapazes um projeto sobre caça e pesca e às moças um projeto de desenho e pintura. Este capítulo é composto por textos dos alunos do 6º e 7º anos, dos professores Mauro e Clodoaldo e da professora da UFF Adriana Russi que acompanhou os projetos durante alguns dias na aldeia.

Caros amigos do Brasil,

Este texto mostra nossa cultura Kaxuyana. Nós moramos na aldeia Santidade, no rio Cachorro, município de Oriximiná, no Estado do Pará. Somos alunos do ensino fundamental da Escola Matxuwaya nossa aldeia é de 64 pessoas. Neste texto vamos contar sobre

dois projetos: “Pesca e caça” realizado pelos rapazes (*IMAGEM 05*) e “Resgate da cultura Kaxuyana – desenho e pintura” realizado pelas moças (*IMAGEM 06*). Nós queremos que todos conheçam nossa realidade e a importância do valor de nossa cultura.

Assinado: alunos e professores

Versão kaxuyana:

Brasil tonomu amna hawanatomu, soro pape nenemespasĩ amna we'tohu Kaxuyana. Amna yatxa nasĩ Warahatxa Yowkuru Katxur Kuwawĩ, Wakpumu (Oriximiná), Toronori (Belém, capital do Estado do Pará). Amna nasĩ tosomukatxentomu ihitorman hoko, soto Matxuwaya tawĩ. Sotonomu nasĩ 64 pĩrehno tarahkoro. Soro pape tawĩ amna nekareyasĩ asakonom hoko: “Kutmayanĩtohu na woto yohotohu” m`rehoyẽ tomũ nĩritpĩrĩ na iwatiyo nasĩ Kaxuyana we'tohu ramatohu – ikukuru na imenuru” omĩs poyĩ tomũ nĩritpĩrĩ. Soro yonemespotxe amna tarahkorono wiya amna yonmehtohu na soro hananno oktxe amna wetohu. Imenure nen hĩ tomũ: Tosomu katxen tomũ (alunos), Emukane nomũ (professores)

² A unidade escolar Santidade ou *Matxuwaya* integra a Escola de Ensino Fundamental Indígena Mapuera.

³ *Tamiriki* significa *pata yotono kwuama*, casa do cacique e pode significar também casa circular, em português é conhecida como casa grande.

Depoimento dos professores Mauro e Clodoaldo

Nós nos colocamos disponíveis para desenvolver os projetos em nossa escola, junto com a comunidade Kaxuyana, de forma a obtermos uma nova experiência de conhecimento/aprendizagem dentro dos temas abordados. A nossa escola ainda não tinha essa nova prática de conhecimento a partir da prática. Essa nova forma de ensinar levou para nossos alunos uma aula mais estimulante, baseada em saberes cotidianos; tradicionais. Queremos parabenizar a iniciativa deste projeto que deu apoio para nosso trabalho como professores e também para nossos alunos. Torcemos para que continue este projeto!

Caçada da Anta (texto dos rapazes)

O cacique Mauro contou sobre o projeto que Adriana Russi estava fazendo e a gente ficou alegre. No primeiro dia a gente foi caçar e outros foram pescar. Era cedo quando a gente foi para cima, subindo o rio devagar. De repente um macaco apareceu. Aí a gente encontrou os outros que foram atrás do macaco, mas eles não conseguiram matar.

Depois a gente sentou e preparou as armas, depois a gente começou a caminhar devagar e os outros foram pescar. Aí Mauro ensinou para nós como procurar a anta, depois ele começou arremedar⁵ a anta 4 vezes. Finalmente a anta respondeu, aí a anta veio perto. A gente se preparou ajeitando devagarzinho. O primeiro tiro foi do Mauro, o segundo tiro foi do Gildo. Até 5 vezes eles atiraram mas a anta não estava morta ainda, a munição acabou.

Eles começaram a gritar para os outros que estavam pescando, aí eles vieram e um pescador atirou, aí a anta morreu. Depois a gente amarrou a anta, depois a gente puxou até pra beira do rio e a gente embarcou na canoa. A gente chegou na aldeia e depois o cacique distribuiu a anta pra comunidade.

E assim foi nosso projeto de caça, foi muito bom (IMAGEM 07). A nossa biblioteca são os mais velhos, porque a gente está resgatando nossa cultura, como os velhos, os antigos caçavam. Nesse dia que a gente estava caçando com os mais velhos a gente aprendeu com eles como é que eles caçavam macaco, anta, caititu e, assim, a gente aprende, mas a gente quer aprender mais, a gente quer que não termine esse projeto que vocês estão fazendo, vocês ajudam muito a gente com carinho.

VERSÃO KAXUYANA

Kaxuyana Taye

Amna wosomukatpīrī amna renatawī iro kīnene projeto 16.06.2012 amna yahe kīnene iro asak renanowetoh hoko, kutma yaninto hoko hananno. Na irata tut kīntomone puhana irenīnso kutma yanīnso hananno amna kīnosonīntone kanawa taka amna wīfīyatawī meku yoneneta tutu kīnasanīnne tutu amna hananno kīnatakīhkane amna mīkawa tarīhtone anar kun kutma yanīnso kīntomone soro, wara kīnkane amatxiko tamkarī kuritxa ehotxiko kīmkane irohoye ewarho yomukane Mauro 4 yahatarī, irata kīneyukne amna kīntomone motxetaki iro hoye asak tutu kīntomone Mauro Gildo hoko 5 hanaro tut kīnwone irohoye mīkawa tarīr kīnekrethane, iro hoye tutu kunosmeneanar kun wīya iro hoye tut kīnehne kunwonerehī tutu tuwinahatarī iro hoye kīnewayihne iro hoye amna kunmine txinato hoye, amna kunhina nenē kanawataka amna kīnehnene atxato hana.

Desenho e pintura (texto das moças)

No mês de junho nós moças e mulheres começamos o projeto “Resgate da cultura Kaxuyana – desenho e pintura”. Os velhos Manoel (IMAGEM 08), João do Vale e Nazaré vieram na *tamiriki* para explicar sobre pintura. Alguns rapazes foram buscar jenipapo na beira do rio. Para fazer tinta de jenipapo é assim: primeiro a gente rala o jenipapo, depois a gente cõa, aí colocamos líquido de banana pra ficar bem preto e depois colocamos no sol. Por último, pintamos uma pessoa no rosto com tinta preta. Depois de pronto nós usamos a tinta. É assim que todas as mulheres fazem tinta de jenipapo. A tinta de jenipapo nós usamos para a festa. São as velhas que pintam as moças e as moças pintam as crianças. Os velhos pintam os homens.

⁵ Arremedar aqui tem sentido de chamar, assobiar.



Nós aprendemos quatro pinturas: *kuhakpa* uma pintura de mulheres dos braços e pernas (IMAGEM 09), *paririkya* que é pintura da barriga dos homens (IMAGEM 10), pintura da onça (IMAGEM 11) e pintura da lua que é pintura de mulher na barriga e nas costas (IMAGEM 12).

Tudo o que nós estudamos foi muito bom, nós gostamos. Isso pode servir para outras crianças no futuro.

VERSÃO KAXUYANA

Mês Junho *ommawonotawī omispyitomu worĩxamĩ kuthitone tikahsomĩ tiherehtohu kaxuyana we'tohu imerur kukuru tamixami Manuel Gertrude misokkurĩ kaxuyana João do Vale pekirruwa kaxuyana, Nazaré imoyoko kaxuyana kĩnehne tutu tamiriki taka akankuwamataka wosomukano we'toh me hananno etxiĩ wemenuretoh'u ykaretome mĩrehoyitom hanan no kĩntomone purho yoso tuna yomyaatwo purho yowukatamĩ. Tĩtxarinemĩ soro wara purho yitohu tĩtxarine amna tĩriroko wanano wahtawĩ yakĩhtomu omĩspoyitom'u menureroko omĩspoyitomu mĩritomu menureroko tamixamĩ amna purhom torko irowara amna wosomukotohy. asakĩ asakonohokono imenuru kuhakpa omĩspoyitomu worĩxam menuru iyotxirkukhoko paririkya totoyam wetohur menuru. kaikus menuru imno menuru worĩxam wetohur menuru im karkum hananno. tarahkoro amna wosomukatpiri hikke nasĩ amna wiya mekaneno tom wĩyanme hananno mĩretom wĩyanme.*

pintura do padrão *Kuhakpa* (moças). Assim, os pequenos que não participaram destes projetos puderam assistir o que seus colegas haviam vivenciado ao longo dos dias. Na outra manhã, alunos do 6º e 7º ano foram os professores dos alunos de 1º ao 4º ano, também divididos em grupos por gênero. Fora da tamiriki, cada rapaz ensinou para dois ou três meninos como se preparava o fio usado no arco para uma determinada caça.

No caso das moças, elas ficaram todas juntas na tamiriki e, num grande círculo, ensinaram às meninas um dos padrões de pintura corporal que haviam aprendido (IMAGENS 13 e 14). Por fim, cada professor/a com seus alunos/as apresentou o resultado de seus trabalhos. Nos demais dias fizemos textos coletivos para este capítulo do livro e escolhemos os desenhos. Alguns trabalhos foram refeitos: uns por decisão dos próprios alunos, outros porque os originais se perderam. Para encerrar, fizemos uma espécie de recapitulação/avaliação em que participaram todos os alunos do 6º e 7º anos, bem como os professores Clodoaldo e Mauro. Dessa atividade organizamos algumas informações sobre o desenrolar dos projetos, como o aprendizado se deu e as formas que fizeram seus registros.

Disso resultou o seguinte esquema:

Depoimento de Adriana Russi – trocando experiências

A escola *Matxuwaya* estava toda enfeitada – na frente da *tamiriki* alunos e professores prepararam uma entrada com palha de buriti que formava um belo corredor todo decorado. Dentro, cartazes com textos, desenhos e pinturas além de inúmeros adornos como cocares, cestos, colares e outros. No esteio central amarraram folhas de buriti para adorná-lo. Tudo preparado. Foi assim que fui recebida na aldeia Santidade onde permaneci por alguns dias do mês de junho acompanhando o trabalho na escola. Decidimos trabalhar com todas as turmas juntas no período da manhã.

Dessa forma, foi possível socializar os projetos entre as moças e rapazes do 6º e 7º anos, bem como compartilhar o conhecimento aprendido com os alunos menores do 1º ao 4º anos. Entre as estratégias, num dos dias, escolhemos a dramatização do dia da caçada da anta (rapazes) e do dia da

Conhecimento → velhos → mente

Como aprendemos: perguntando, ouvindo, vendo, fazendo

Como registramos: escrevendo, desenhando, filmando, fotografando

Motivos para aprender o conhecimento dos velhos (porque): saber, ensinar no futuro, viver no presente, para não acabar a cultura



Os alunos ainda prepararam um vídeo resposta a um vídeo que assistiram de alunos do 6º. ano da Escola Missão São Pedro (São Pedro da Aldeia/RJ).

Para fechar esta etapa, no último dia do semestre letivo, fizemos uma avaliação coletiva quando alunos e professores deram seus depoimentos sobre sua participação nos projetos. Para encerrar fizemos uma festa em que todos se enfeitaram, se pintaram. Preparamos um lanche coletivo, cantamos e dançamos todos juntos com os demais moradores da aldeia.

Participaram da elaboração dos textos deste capítulo e dos projetos:

Professores Clodoaldo dos Reis e Mauro Muhako.

6º. Ano: Creucilene Txaukuku Kaxuyana, Edna Kaxuyana, Francileia Warukma Tiriyo Kaxuyana, Gerson Napeta Tiriyo Kaxuyana, Gildo Xerensiyoma Tiriyo, Kamathtxu Savio Kaxuyana, Maria Goretti Isiripeino Kaxuyana, Maria José Parukunye Kaxuyana, Zeleide Ehnu Kaxuyana. 7º. Ano: Adriano Kesu Kaxuyana, Calixto Asusuke Kaxuyana, Janilson Parakasama, Josivan Semu Kaxuyana Tiriyo, Lessiane Imeina Kaxuyana Tiriyo, Violeta Emenuri Kaxuyana



CAPÍTULO 6 - E.M.E.F.I. MAPUERA

Sou professora de Ciências na Escola Indígena Wai Wai, localizada na Aldeia Mapuera, no rio Mapuera, município de Oriximiná/PA. Esta escola atende 362 alunos da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Trabalhando com as turmas do 6º ao 9º anos, observei que após o aparecimento do Posto de Saúde na aldeia, a prática da medicina caseira na cura de doenças simples foi desaparecendo, tornando a população indígena dependente dos medicamentos sintéticos prescritos pelos médicos. Essa prática ficou guardada na memória dos mais velhos e não é mais repassada aos mais jovens, como antigamente.

A partir dessa observação pensei em como a escola poderia contribuir para incentivar a retomada dessa prática, pelo menos para os males mais simples e corriqueiros.

Participando do Programa de Educação Patrimonial em Oriximiná, juntamente com colegas de outras escolas, pude compreender um pouco mais sobre a importância de levar a cultura local para a sala de aula e, com isso, criar um ambiente mais favorável ao aprendizado dos alunos.

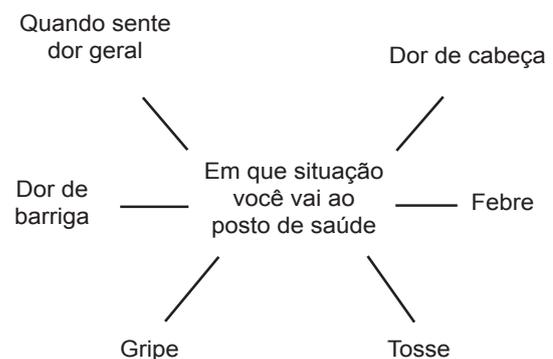
Durante as discussões no grupo apresentei minha ideia sobre a realização de um projeto que pudesse contribuir para que os jovens conhecessem um pouco mais sobre seu cotidiano e as práticas dos mais velhos no tratamento de doenças simples antes do surgimento do posto de saúde. Através dos nossos estudos pude organizar um projeto para que os alunos da aldeia pudessem descobrir se ainda existia alguma prática ou conhecimento relacionado à utilização das plantas medicinais no cotidiano das famílias.

Ideia formulada, agora era partir para a prática. O desafio maior era descobrir como motivar

os alunos a realizar essa pesquisa. A maior dificuldade foi estabelecer um entendimento com eles devido às diferenças linguísticas entre nós, professores não-índios. A equipe de professores e tutores do programa deu o suporte que precisava para dar início ao projeto.

Como eram várias turmas, achei melhor trabalhar com as três turmas do 8º ano (*IMAGENS 01, 02 e 03*), primeiro porque o tempo para a realização do projeto era curto e depois, porque eles possuem um melhor entendimento da comunicação na língua portuguesa. A ida para a aldeia demorou mais que o previsto e isso encurtou o tempo que teríamos para a pesquisa, mas mesmo assim, o trabalho pode ser realizado. Dividi o projeto em três etapas:

1ª Etapa: Quando cheguei à sala, iniciei uma conversa com os alunos sobre o Posto de Saúde. Lancei uma pergunta e pedi que eles respondessem. Fizemos juntos um mapa conceitual para facilitar a compreensão e colher as respostas. Todos participaram.



Perguntei, então, se alguém já tinha ouvido falar em plantas medicinais. Alguns disseram que sim e outros que não. Sugeri, então que poderíamos fazer uma pesquisa com as pessoas mais velhas da comunidade para descobrirmos se ainda existia esse conhecimento na aldeia e se alguém tinha cultivava em casa alguma planta que poderia servir como remédio. Decidido o tema da pesquisa, começamos a definir nosso objetivo, a partir das perguntas: *(Como os alunos não entendem bem o Português foi necessário organizar um roteiro para que eles pudessem fazer as perguntas aos informantes escolhidos).*

1. O que eu já sei sobre isso?
2. O que eu quero saber?
3. Por que precisamos saber sobre esse assunto?

2ª Etapa: A partir dessa conversa, foram surgindo perguntas para as entrevistas com os mais velhos das famílias. Era preciso realizar as entrevistas para darmos continuidade ao nosso projeto. Eles copiaram as perguntas nos cadernos e foram para suas casas realizar as entrevistas.

1. Antes da existência do Posto de Saúde, as plantas medicinais eram cultivadas na aldeia?
2. Por que não se cultiva mais planta medicinal em casa?
3. Como seria se cultivássemos plantas medicinais em casa?
4. Você tem alguma planta medicinal em casa?
5. Qual o nome dela e para quê serve?

Na aula seguinte quase todos os alunos trouxeram as respostas das entrevistas.

A partir da pesquisa, pudemos então, combinar sobre que tipo de trabalho poderíamos realizar com estas informações, afinal, era muito importante que todos, inclusive os alunos das outras turmas, aprendessem um pouco sobre o que eles tinham descoberto.

Depois da análise de todas as entrevistas, identificamos alguns informantes que sabiam muito a respeito das plantas medicinais. Queríamos muito chamá-los para uma conversa na escola, mas as aulas já estavam terminando e não daria tempo.

Diante dessa dificuldade decidimos fazer uma exposição para socializarmos nossas descobertas com o maior número possível de colegas. Para enriquecer nosso trabalho, convidamos o chefe do Posto de Saúde para participar da exposição.

3ª Etapa: De posse das informações dos alunos, listamos todas as plantas descobertas e sugerimos que as turmas se dividissem em grupos que foram formados a partir dos alunos (*IMAGEM 04*) que pesquisaram a mesma planta para que ficasse mais fácil a organização das informações para a exposição.

Foi difícil utilizar a Língua Portuguesa para escrever nos cartazes as informações, mas os professores indígenas Edson Tiotio Wai Wai e Iranildo Manasa Wai Wai nos ajudaram bastante. Explicaram na língua Wai Wai o que poderia ser feito e como seria preparada a informação. Para facilitar o entendimento, os alunos receberam uma folha com as perguntas para que fossem escrevendo as informações sobre as plantas. Em grupo, os alunos começaram a preparar as informações sobre as plantas pesquisadas. Com a ajuda dos professores indígenas e com um roteiro preparado por mim, eles começaram a produzir os cartazes. Essas informações seriam repassadas, através de uma exposição, para toda a escola. Trabalhamos nessa atividade durante dois dias. Os alunos ficaram muito interessados (*IMAGEM 05*). Como o tempo de aula é muito curto, alguns alunos levaram o material para terminarem em casa. Cada grupo fez o seu cartaz.

Finalmente chegou o dia da exposição. Marquei com os alunos na escola logo cedo. Eles estudam no período da tarde, mas a exposição deveria ser na parte da manhã porque queríamos dividir nossa experiência com o maior número de alunos possível.

Eles chegaram cedo e logo começamos a organizar a exposição (*IMAGENS 06 e 07*). Fiquei muito feliz com a ajuda de todos os professores, da Coordenadora e do Diretor. Todos se empenharam para que tudo saísse conforme havíamos planejado. Às 9 horas estava tudo pronto. O Chefe do Posto de Saúde chegou e começamos as apresentações.

Nossa exposição foi um sucesso! Todos queriam ouvir as explicações do Chefe do Posto e de todos que lá estavam. Enfim, começamos as apresentações dos grupos.



Cada grupo escolheu dois representantes: um para falar na língua Wai wai e outro para explicar em Português (IMAGEM 08). A escola parou para assistir as apresentações. Até os alunos do Ensino Médio, que estudam na Casa Grande, vieram participar, com seus professores.

Foi a primeira vez que trabalhei com uma equipe de professores e tutores do programa de Educação Patrimonial. Apesar das dificuldades no início, senti que os alunos ficam mais participativos quando trabalhamos com a cultura local dentro da escola. Os outros professores que não participaram do projeto também ficaram empolgados.

O trabalho com as plantas medicinais foi tão produtivo que penso em continuar o projeto das plantas medicinais com as outras turmas, na volta das férias escolares.

Aproveitando a visita da professora Sonia Maciel, que veio para auxiliar na execução dos trabalhos, fizemos um trabalho com os alunos do 6º Ano. Ela trouxe um vídeo que os alunos do Centro Educacional Missão de São Pedro (São Pedro da Aldeia/RJ), escola onde ela trabalha, enviaram fazendo perguntas sobre como é a vida na aldeia. Eles ficaram muito empolgados. Como resposta, fizeram um vídeo, com a ajuda das Prof. Andreia e Valéria (Educação Física e História) para responder às perguntas que eles fizeram. Ela levou o vídeo e, como resposta, nossos novos amigos enviaram cartas contando sobre o que mais gostaram em nosso vídeo. A experiência está sendo muito proveitosa. Vamos continuar mantendo esse contato enquanto durar esse programa.

Participaram da elaboração dos textos deste capítulo e dos projetos:

Prof. Najara Lima Maia - 8º Ano "A": Alistela Xemesuwa Wai Wai / Alzino Wai Wai / Ceana Inakí Wai Wai / Constanca Ayxama Wai Wai / Daseane Witará Wai Wai / Dilton Wai Wai de Souza / Doralice Wirikmisu Wai Wai / Edelton Cuusa Wai Wai / Elielsa Curumawana Wai Wai / Equison Eymu Wai Wai / Fatima Rodrigues Wai Wai / Henrique AAKihin Wai Wai / Jeanete dos Santos Wai Wai / Leoma Aski Wai Wai / Leuta Muxu Wai Wai / Liane Porihni dos Santos Wai Wai / Luciane Mihxaka Wai Wai / Noemi Wai Wai / Nora Maari Panaxama Wai Wai / Xaaka Wai Wai. 8º Ano "B": Almir Waumi Wai Wai / Daltiva Rodrigues Wai Wai / Efecio de Oliveira / Geldiney Wai Wai de Souza / Germano Luiz Wai Wai / Iracelma Wai Wai de Souza / Ivaldo Piico Wai Wai / Jaguelina Awxari Wai Wai / Junior Rodrigues Wai Wai / Josino Kirpaka Wai Wai / Laura Tacihwo Wai Wai / Maceli Wai Wai / Nadira dos Santos Wai Wai / Nelzi Wakya Wai Wai / Nete Rodrigues de Souza Wai Wai / Odinael Wai Wai / Ronaldo Renato Wai Wai / Zidane Semiri Wai Wai / Zidania Ki Mi Wai Wai. 9º Ano "C": Abelina Muxu Wai Wai / Edinelson Wakia Wai Wai / Elciane Ekithiri Wai Wai / Flavio Inakí Wai Wai / Iran Kmere Wai Wai / Ivane Ceykem Wai Wai / Janecelia Wai Wai de Souza / Josinaldo Wayta Wai Wai / Laia Riha Amanha Wai Wai / Leôncio Wai Wai / Macinho Riisa Wai Wai / Milcerena Nelci Wai Wai / Nelita Yaxan Wai Wai / Ricardo Kasiro Wai Wai / Rita Tiotio Wai Wai / Rosirino Saloman Wai Wai / Valdilene Axamia Wai Wai da Silva.



PRA CONTINUAR...

Como dissemos no início deste livro, este é um trabalho que vem se construindo no caminhar. Esse processo se apoia num percurso em que as histórias aqui apresentadas não se esgotam e continuam sendo contadas.

Temos buscado uma relação universidade e comunidade de Oriximiná pautada pelo diálogo e por uma ação de mão-dupla. As trocas de saberes e experiências têm nos permitido trilhar caminhos que escapam das amarras do discurso hegemonicamente acadêmico.

Nós, docentes e discentes universitários, assim como professores e alunos das escolas envolvidas, que participam ou já participaram deste programa, temos sido afetados profundamente por esta experiência. Esse contágio salutar que perpassa a extensão universitária tem se sustentado em fortes alianças, construídas e consolidadas numa prática continuada.

Dessa forma, é com enorme alegria que terminamos a etapa do encontro construído em 2012 com a notícia de que nosso programa foi novamente selecionado para receber financiamento do PROEXT/MEC/SESu em 2013 na categoria Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

Por isso, nossa conversa continua num outro momento!

Equipe do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AMOCREQ	Associação dos Moradores da Comunidade Remanescente de Quilombo de Cachoeira Porteira
APIM	Associação dos Povos Indígenas de Mapuera
ARQMO	Associação dos Remanescentes de Quilombo do Município de Oriximiná
E.M.E.F Macedônia	Escola Municipal de Ensino Fundamental Macedônia
E.M.E.F.I Mapuera	Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Mapuera
E.M.E.F Nova Betel	Escola Municipal de Ensino Fundamental Nova Betel
E.M.E.F SAMAGO	Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Maria Goretti
E.M.E.F.I Santidade	Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Santidade
E.M.E.F São Francisco	Escola Municipal de Ensino Fundamental de São Francisco
E.V.A	Etil Vinil Acetato – Matéria-prima utilizada na confecção de trabalhos manuais
PMO	Prefeitura Municipal de Oriximiná
PURO	Pólo Universitário de Rio das Ostras
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UAJV	Unidade Avançada José Veríssimo
UESC/BA	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRRJ/RJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

